

NARRATIVAS DA PERSPECTIVA DA CRIANÇA SOBRE SEU ESPAÇO

Luciene Alves Peccin¹
Dayanne Cristina Moraes de Deus e Oliveira²

INTRODUÇÃO

Um fotógrafo-artista me disse outra vez: veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. (MANOEL DE BARROS)

Ao buscar compreender a profundidade e o sentimento despertado pelas palavras de Manoel de Barros, nasce em nós reflexões a cerca das vivências pedagógicas realizadas com um grupo de crianças de 3 e 4 anos. Vivências essas, que nos permitiram sentir inquietações, inspirações e muitas emoções, com as quais, pudemos (re)significar o nosso fazer pedagógico. A grandeza e a simplicidade de gestos permeados de sentidos e sentimentos podem ser facilmente encontrados em diversos momentos dentro da rotina dos espaços de Educação Infantil. Muitos desses gestos são observados e registrados cotidianamente pelas crianças e professores, aspectos estes, que nos possibilitam tecer significados sobre a importância da documentação pedagógica.

Na tentativa de elucidar o nosso fazer pedagógico, cabe de antemão, delimitar o que entendemos por registro, visto que este se configura como um instrumento de grande importância para subsidiar o trabalho pedagógico. O registro nasce da observação minuciosa, cuidadosa e atenciosa das ações e intenções encontradas no cotidiano educacional, é um documento reflexivo que permite ao professor se apropriar de seu próprio fazer.

O registro configura-se como um espaço pessoal de anotações e observações que possibilita ao professor organizar e sistematizar as ações pedagógicas, tecendo reflexões sobre o passado, construindo memórias e marcas da prática desenvolvida no cotidiano educativo. Deste modo, cria-se uma oportunidade para reafirmar o presente e projetar perspectivas em relação ao futuro (OSTETTO, 2015)

Considerando esses apontamentos, cabe ressaltar que o registro, considerado como um dos instrumentos de documentação pedagógica precede do ato de observar, que por si, não trata-se uma ação neutra com o objetivo de simplesmente reproduzir o que é visto. A observação é permeada pelo ato interpretativo dotado de minúcias que revelam intenções, expectativas, emoções, valores e representações do observador. Por essa razão, o ato de observar deve proporcionar a reflexão e a discussão crítica (FORTUNATI, 2009).

Nessa direção, faz-se necessário enfatizar que o professor deve aguçar o ouvido para compreender as mais singelas e significativas palavras relatadas pelas crianças, e também, refinar o olhar para acolher os gestos, manifestações, produções e expressões demonstradas por elas. É um exercício que exige que o educador aprenda olhar para além do que está no campo aparente, no óbvio, é necessário ampliar horizontes, ler pelas entrelinhas, é estar aberto a conhecer as possibilidades através do olhar de encantamento e de curiosidade expressado

¹ Professora de Educação Básica da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (peccin@unicamp.br);

² Professora de Educação Básica da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (dayanne@unicamp.br)

por cada criança. Desta maneira, o registro é um instrumento que nos proporciona trilhar caminhos para (re)significar, (re)conhecer e qualificar os processos singulares em torno da aprendizagem.

MATERIAIS E MÉTODOS

O contexto da proposta apresentada teve como campo de experiência o Centro de Convivência Infantil (CECI – PARCIAL) que compõe uma das unidades de Educação Infantil da Divisão de Educação Infantil e Complementar da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que constitui-se de um espaço socioeducativo para bebês e crianças, filhos e filhas de servidores da Universidade e estudantes de graduação e pós-graduação. O CECI-PARCIAL, oportuniza o acesso à educação de bebês e crianças que compreende a faixa etária de 6 meses a 05 anos e 11 meses (Berçário - Convivência I, Maternal - Convivência II, Pré-Escola - Convivência III).

Ao utilizarmos a máquina fotográfica para registrarmos as situações de aprendizagem desenvolvidas com um grupo de crianças do Convivência II, eram constantes os pedidos de algumas para que deixássemos que elas fotografassem. Um dia, porém, ante a insistência de uma criança, pensamos “Por que não?”. E a máquina fotográfica foi entregue a ela, sem nenhuma exigência, pretensão ou instrução. Assim, as outras crianças também quiseram fotografar, e passaram a pedir máquina em alguns momentos. A situação se repetia e as catorze crianças pertencentes ao grupo fotografaram com a máquina por cerca de uma semana.

DESENVOLVIMENTO

Perpassando por reflexões a cerca da documentação pedagógica, de modo mais específico, a prática de registro, é que se tornou possível ouvir, observar e acolher o pedido de uma criança frente ao nosso fazer pedagógico no momento em que utilizávamos a máquina fotográfica para registrar as situações de ensino-aprendizagem desenvolvidas com as crianças. Deparávamo-nos com o desejo expresso por algumas crianças que nos pediam que deixássemos que elas fotografassem.

Durante uma semana, as catorze crianças pertencentes ao grupo fotografaram, sem nenhuma orientação dada por nós professoras que pudesse limitar ou intervir sobre o que iriam fotografar. Somente no momento em que descarregamos as fotos é que pudemos constatar a riqueza do material que tínhamos em mãos. Ao olhar as imagens fotográficas produzidas pelas crianças e a perspectiva de cada uma sobre o espaço, observamos que os registros fotográficos nos permitiam refletir sobre o nosso fazer pedagógico, ampliando nossos olhares para inúmeros detalhes significativos. Ao refletir sobre nossa prática pedagógica frente às imagens fotográficas produzidas pelas crianças, alguns questionamentos surgiram: “Como a criança representa seu espaço?” “Quais são as narrativas/experiências contadas pelo olhar da criança?”

Diante desses questionamentos, buscamos tentar elucidar nossas dúvidas, nos pautando em alguns autores, dentre eles buscamos a ideia de narrativa trazida por Walter Benjamin (1985), que ao fazer um ensaio sobre a obra de Leskov, denuncia que a arte de narrar – entendida como faculdade de intercambiar experiências – está em vias de extinção, dada a pobreza de experiências comunicáveis. Esse processo está, segundo o autor, intimamente relacionado a evolução secular das forças produtivas e a difusão da informação. Se considerarmos a narrativa como forma de registro da memória de um povo, cuja matéria prima é a experiência que pode ser reinventada, reinterpretada e recontada, seria possível que as imagens fotográficas produzidas pelas crianças pudessem se constituir como narrativas?

Etienne Samain (2012) traz luz a essa questão, ao colocar as imagens como objetos vivos, que “pensam” e que são, por natureza, reservatórios de sensações, memórias e emoções, carregadas de humanidade. As fotografias embora abertas a interpretação do olhar de quem vê, nos convida sempre a encontrar uma conexão com a realidade que a deu origem, dessa forma, elas podem se constituir como narrativas na medida em que as ideias por ela veiculadas fazem nascer dentro de nós, uma rede de significações e sentidos que podem produzir uma experiência. Nesse sentido, procuramos expor as imagens fotográficas produzidas pelas crianças para a apreciação das outras crianças da escola, profissionais e familiares e assim, contemplar a beleza expressa em cada detalhe presente nas narrativas das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao olhar as imagens fotográficas produzidas pelas crianças e a perspectiva de cada uma sobre o espaço, pensamos: é possível que essas imagens se constituam como narrativas? De que maneira elas ‘narrariam’ as situações vivenciadas? Deste modo, nos pautando nas palavras de Souza e Lopes, pudemos contemplar a dimensão do trabalho realizado:

Uma dada pessoa, do seu ângulo de visão, pode mediar, com o seu olhar, aquilo que em mim não pode ser visto por mim. Portanto, a construção da consciência de si é fruto do modo como compartilhamos nosso olhar com o olhar do outro, criando, dessa forma, uma linguagem que permite decifrar mutuamente a consciência de si e do outro no contexto das relações socioculturais (SOUZA; LOPES, 2002, p. 66)

Dessa maneira, as fotografias tiradas pelas crianças desencadearam um outro modo de olhar e relacionar com o as pessoas e espaços, enriqueceram os acontecimentos e permitiram a visão sobre o cotidiano da instituição de educação infantil sob novo ângulo e olhares. Os registros fotográficos nos permitiram refletir sobre o nosso fazer pedagógico e sobre o modo como registrávamos as situações vivenciadas, já que em nossos registros buscávamos documentar o macro das situações, mas as crianças, através do seu olhar, nos levaram a enxergar o micro e o todo. Dentre as muitas lições aprendidas com as crianças, pudemos primeiramente re(visitar) nossa prática, (re)pensar detalhes significativos em relação ao nosso fazer pedagógico, dentre eles, a importância de ver além do que é visível, de ouvir além da palavra expressa, (re)aprendemos que o ato de registrar está na sutileza das (re) significações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada criança tem uma perspectiva ao olhar para o espaço da escola. Dessa forma, as narrativas sobre suas experiências são distintas. Nos surpreendemos com o Olhar que as crianças tiveram ao registrar os pequenos detalhes e os momentos que as vezes passam “despercebidos” aos olhos desatentos e pudemos compreender, através de suas lentes, que a escola é um lócus permeado de sentimentos, conflitos, peculiaridades, detalhes significativos, movimento...enfim...vida!

Palavras-chave: Fotografias; narrativas; crianças; prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre a literatura e a história da cultura. (Obras escolhidas – v. 1). São Paulo: Brasiliense, 1985 p. 198-221.

FORTUNATI, Aldo. A Educação Infantil como Projeto da Comunidade: Crianças, Educadores e Pais nos Novos Serviços para a Infância e a Família – A Experiência de San Miniato. Porto Alegre: Artmed, 2009.

OSTETTO, L. E. A prática do registro na educação infantil: narrativa, memória, autoria. Revista @mbienteeducação – Universidade Cidade de São Paulo. V.9. n.2. jul/dez 2015 p. 202-2013.

SAMAIN, E. (org.). As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In. Como pensam as imagens. Campinas-SP. Editora da Unicamp, 2012, p. 21-36.

SOUZA, S. J; LOPES, A. E. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho/ 2002